

# **A ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL NO BRASIL – ASPECTOS TEÓRICOS**

Kurlan Frey<sup>1</sup>

## **INTRODUÇÃO**

Com o presente resumo expandido busca-se o caminho de implantação das escolas públicas integrais no Brasil. Sabe-se que o país já tinha escolas em tempo integral, mas estas eram jesuíticas e voltadas, especialmente, para atender as elites. O que se propõe aqui é fazer o caminho da escola em tempo integral especificamente na realidade brasileira. São avanços e retrocessos contínuos que marcam esta caminhada.

Pretende-se refazer o caminho, as lutas, a fundamentação teórica que ajudam a implantar as primeiras escolas em tempo integral com as contribuições de John Dewey e Anísio Teixeira, entre outros pesquisadores, teóricos que dão fundamentação para a proposta de escola em tempo integral pública no Brasil.

A atenção maior para a educação integral justifica-se pela importância que está sendo destinada nos últimos Planos Nacionais de Educação (2001-2011) e (2014-2024), ambos destacando a importância de avançar em vagas e educandários que atendam em tempo integral.

## **FUNDAMENTOS DA ESCOLA EM TEMPO INTEGRAL PÚBLICA NO BRASIL**

A filosofia e as concepções de Dewey chegam ao Brasil. A Escola de Tempo Integral pública vem especialmente através de Anísio Teixeira depois de visitar as experiências e estudar com John Dewey nos Estados Unidos. Isso já nos anos de 1920 e 1930. Faz-se questão de destacar escolas Públicas porque, já havia no país, experiências de escola de tempo integral, mas eram para poucos, especialmente para as elites.

[...] No Brasil, a classe dominante sempre teve escola de tempo integral. Os colégios jesuíticos de período colonial eram de tempo integral; os colégios e liceus onde estudava a elite imperial eram também de tempo integral e, na maioria das vezes,

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Pedagogia da FAI Faculdades, mestrando em Educação na Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ e bolsista CAPES. E-mail: kurlanfrey@yahoo.com.br

internatos; o mesmo pode se dizer dos grandes colégios da República, dirigidos por ordens religiosas ou por empresários laicos. [...] (GIOLO, 2012, p. 94).

A educação brasileira ainda marcada fortemente pela tradição e pelo rigor da escola jesuíta, passa a contar com as importantes contribuições do bahiano Anísio Teixeira, entre outros pensadores que repensam a escola no chamado movimento da Escola Nova. Antes mesmo de entrar mais especificamente no pensamento de Teixeira far-se-á um breve percorrido pela Escola Nova e sua repercussão no Brasil.

Anísio Teixeira traz em si uma tensão entre a educação vivenciada e aprendida com os Jesuítas e a tendência liberalista aprendida com John Dewey. Anísio participa da educação humanista dos Jesuítas, mas com seus estudos junto a John Dewey<sup>2</sup> nos Estados Unidos, busca introduzir elementos da ciência trazendo a necessidade da educação responder aos desafios do contexto, do mundo, da vida. Até então a grande ênfase da educação era dada a literatura e muito reduzidamente a ciência era contemplada. Quem provoca esta ruptura ou avanço, no Brasil, em grande medida, é Anísio Teixeira, atualizando as leituras de Dewey.

Dewey foi filósofo e profundo defensor da democracia e da liberdade em seu contexto, mas querendo o mesmo para todos. Percebia na educação o papel de exercitar a democracia e a liberdade. Para Dewey as ideias só têm seu valor e importância quando servem de instrumento para a resolução de problemas reais e por isso foi denominado pragmatista, sendo que preferia ser chamado de instrumentalista.

No campo específico da pedagogia, a teoria de Dewey se inscreve na chamada educação progressista, profundamente influenciado pelo empirismo, um dos principais objetivos é educar a criança como um todo. O que importa é o crescimento físico, emocional e intelectual. Rompe com o paradigma estabelecido de que a educação precisa dar conta, unicamente do desenvolvimento intelectual. Aqui já pode perceber-se as bases para uma educação diferente.

Quando compreende a educação como um processo que auxilia o desenvolvimento integral, Dewey dedica à escola o papel de reproduzir a comunidade em miniatura, apresentar o mundo de um modo simplificado e organizado. Segundo Dewey, a escola não deve educar, ensinar a criança para a vida e sim ensinar as crianças a viver no mundo. Assim Dewey formula um novo ideal pedagógico, ou seja, ensinar pela ação. A escola para Dewey é lugar para a experiência concreta da vida.

---

<sup>2</sup> John Dewey (1859-1952), filósofo, psicólogo e pedagogo liberal norte-mericano, exerceu grande influência sobre toda a pedagogia contemporânea. Ele foi o defensor da Escola Ativa, que propunha a aprendizagem através da atividade pessoal do aluno. Sua filosofia da educação foi determinante para que a Escola Nova se propagasse por quase todo o mundo (GADOTTI, 1999, p. 148).

Ora, se a vida não é mais que um tecido de experiências de toda a sorte, se não podemos viver sem estar constantemente sofrendo e fazendo experiências, é que a vida é toda ela uma longa aprendizagem. Vida, experiência, aprendizagem – não se podem separar. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos (DEWEY, 1973, p. 16).

Quando Dewey escreve e considera a experiência como elemento fundamental para o desenvolvimento não é de qualquer experiência que está falando. Para ele “A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vêm a perceber relações e continuidades antes não percebidas (DEWEY, 1973, p. 17). Entende-se também que Dewey coloca a criança, o ser aprendente no centro do processo, das experiências e isso significa uma grande revolução no campo educacional.

Podemos considerar que Dewey ajuda a compreender [...] “A criança não mais como um meio, mas como um final em si mesma. A personalidade infantil aceita, respeitada, ouvida, e não mais ignorada ou, conscientemente, reprimida” (TEIXEIRA, 2000, p. 56). Ou seja,

[...] Trata-se de uma transformação, diz ele, que se compara com a de Copérnico em nosso sistema planetário. O eixo da escola se desloca para a criança. Não é mais o adulto, com os seus interesses, a sua ciência, a sua sociedade, que governa a escola, mas a criança, com as suas tendências, os seus impulsos, as suas atividades e os seus projetos (TEIXEIRA, 2000, p. 56).

A escola, na concepção de Dewey, não está mais conseguindo acompanhar os avanços e os contextos em constante mudança.

Transforma-se a sociedade nos seus aspectos econômicos e sociais, graças ao desenvolvimento da ciência, e com ela se transforma a escola, instituição fundamental que lhe serve, ao mesmo tempo, de base para a sua estabilidade, como de ponto de apoio para a sua projeção (TEIXEIRA, 2000, p. 25).

Não poderia, portanto, a escola permanecer ou preparar para um mundo que não existe mais. Os avanços tecnológicos, da ciência, os novos mercados, as novas relações desafiaram e continuam desafiando a escola. “Por tudo isso, a escola teve que deixar de ser a instituição isolada, tranquila, do outro mundo, que era, para se impregnar do ritmo ambiente e assumir a consciência de suas funções. Se depressa marcha a vida, mais depressa há de marchar a escola” (TEIXEIRA, 2000, p. 111).

As escolas, propriamente ditas, eram casas pacíficas de cultura literária e artística, destinadas a atuar na formação de um corpo de fiéis às tradições do estudo e saber. E os problemas de reconstrução da vida humana se debatiam na própria vida, concedendo todos um imenso crédito ao fatalismo e ao acidente do progresso (TEIXEIRA, 2000, p. 112).

Isabel Alarcão nos ajuda a refletir neste mesmo sentido quando afirma que “a escola também precisa mudar para acompanhar a evolução dos tempos e cumprir a sua missão na atualidade” (ALARCÃO, 2001, p. 10). Passamos grande parte do tempo na escola, para que ela se constitua num espaço de aprendizagem e desenvolvimento é imprescindível que acompanhe os grandes desafios do contexto, da realidade, da sociedade.

Assim como Dewey, percebe-se Alarcão defendendo a escola como um espaço dinâmico, de experiências. “A escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência da cidadania” (ALARCÃO, 2001, p. 18).

Um dos grandes méritos da teoria de educação de Dewey foi o de restaurar o equilíbrio entre a educação tácita e não formal recebida diretamente da vida, e a educação direta e expressa das escolas, integrando a aprendizagem obtida através de um exercício específico a isto destinado (escola), com a aprendizagem diretamente absorvida nas experiências sociais (vida) (DEWEY, 1973, p. 21).

Percebe-se que Dewey e sua forma de pensar a educação causou grande impacto no cenário norte americano, no mundo e especialmente, no Brasil. Sua obra foi trazida ao Brasil através do educador Anísio Spindola Teixeira. Teixeira, filho de um típico coronel do nordeste realizou seus estudos em colégios jesuítas formando-se advogado. Em uma de suas viagens teve contato com Dewey nos Estados Unidos. “A primeira viagem à América durou sete meses e foi realizada em 1927. Nela Anísio Teixeira iniciou-se no pensamento de John Dewey” [...] (TEIXEIRA, p. 18). A segunda viagem, mais prolongada foi realizada “em meados de 1928 e 1929, quando teve oportunidade de estudar (NUNES, 2010, p. 18).

Escolher Dewey, de quem seria o primeiro tradutor no Brasil, era optar por uma alternativa que substitui os velhos valores inspirados na religião católica e abraçados com sofreguidão. Era apostar na possibilidade de integrar o que, nele, estava cindido: o corpo e a mente, o sentimento e o pensamento, o sagrado e o secular.

Ao longo de sua importante trajetória como educador, Anísio, assume um posicionamento radical, e aos poucos rompe com o paradigma estabelecido. Assim, [...] “Anísio defende a necessidade da experiência, mas combinada com o ensino de matérias regulares. Concebe a Escola Nova não como ruptura com a Escola Tradicional, mas como a

subsistência dos seus aspectos positivos e uma reformulação didática” (TEIXEIRA, 2010, p. 48).

É importante considerar que a Escola Nova não foi pensada ou liderada, no Brasil, unicamente por Anísio Teixeira, e sim por um grupo de educadores brasileiros, especialmente Fernando de Azevedo e Lourenço Filho e Anísio Teixeira, que lideraram, também o marco da Escola Nova no Brasil, o Manifesto dos Pioneiros<sup>3</sup>. Numa analogia ousada, que envolve a história e a educação, pode-se dizer que o movimento da Escola Nova significa, para a educação brasileira o que o Renascimento significou para a Europa nos séculos XVI e XVII.

A atuação de Anísio começa num contexto desafiador. A situação das escolas, da educação como um todo é precária quando Anísio assume o cargo de Inspetor Geral do Ensino o que o comprometia a dirigir a instrução pública da cidade de Salvador, na Bahia.

[...] O governo não oferecia mobiliário escolar, nem o professor a adquiria. Cabia ao aluno fornecer cadeiras e mesas improvisadas com barricas, caixotes, pequenos bancos de tábua, tripeças estreitas e mal equilibradas, cadeiras encouradas ou tecidos de junco. Anísio chegou a presenciar que era comum os estudantes escreverem no chão, estirados de braços sobre papéis de jornal ou, então, fazerem seus exercícios de joelhos, ao redor de bancos ou à volta das cadeiras (NUNES, 2010, p. 17).

Anísio passa a ser precursor para avanços e mudanças na educação brasileira. Não se conforma com a situação, muito pelo contrário, inicia uma longa luta pela melhoria da educação no país, não apenas em termos de estrutura física, mas também pedagógica. Quando se fala da educação pública no Brasil e seus principais avanços, é preciso considerar e valorizar o empenho deste brasileiro, Anísio Teixeira. Sua forma de olhar e atuar pela educação deixou importantes legados nas estruturas físicas, mas sobretudo, na estrutura política que passou a valorizar efetivamente a educação.

[...] A reforma por ele conduzida empurrou a escola para fora de si mesma, ampliando sua área de influência na cidade. Atravessou o espelho da cultura europeia e norte-americana, articulando o saber popular ao acadêmico. Retirou o problema da educação da tutela da Igreja e do governo federal [...] (NUNES, 2010, p. 25).

A contribuição de Anísio Teixeira para com a educação brasileira é relevante, uma vez que defende uma educação pública de qualidade para todos. Neste aspecto vem atualizar o que Comenius defendia, ou seja, “todos têm que saber tudo” é assim que os educadores

---

<sup>3</sup> O “Manifesto” apresenta-se, pois, como um instrumento político, como é próprio, aliás, desse “gênero literário”. Expressa a posição de um grupo de educadores que se aglutinou na década de 1920 e que vislumbrou na Revolução de 1930 a oportunidade de vir a exercer o controle da educação no país (SAVIANI, 2013, p. 254).

devem “ensinar tudo a todos” (NARODOWSKI, 2001, p. 26). Com a obra “Educação não é Privilégio”, Anísio assume sua posição abertamente em defesa do direito de um ensino de qualidade para todos, rompendo com o estabelecido, ou seja, escola de qualidade somente para quem tinha condições de pagar, a elite.

Anísio defendeu firmemente a concepção de que [...] “a educação pela qual valeria a pena lutar seria aquela que libertasse, num progressivo movimento, tal como ele o viveu, a capacidade individual para fins sociais cada vez mais amplos, mais livres e mais frutíferos” [...] (NUNES, 2010, p. 50). Anísio sonhava com

[...] uma escola pública com um Ensino Básico de qualidade para todos, onde a pesquisa é assumida como componente do ensino, e em que os espaços e os tempos da educação sejam significativos para cada sujeito dentro dela. Uma escola bonita, moderna integral em que o trabalho pedagógico apaixona e compromete professores e alunos. Uma escola que construa um solidário destino humano, histórico e social [...] (NUNES, 2010, p. 31).

Todo o envolvimento e a luta pela escola pública de qualidade comum a todos os brasileiros tem suas consequências na vida pública de Anísio. Essa luta e a publicação do livro “Educação não é Privilégio”, em 1957, causa ira dos “bispos gaúchos, solicitando a exoneração de Anísio Teixeira do INEP é uma consequência, dentre outras – colocou em xeque uma vocação pública num país de ferozes interesses privatistas (NUNES, 2010, p. 29).

Assim como já foi afirmado anteriormente, percebe-se, na obra de Anísio Teixeira, um profundo comprometimento com uma educação pública de qualidade. Para que a mesma seja de qualidade há que se cuidar e garantir uma série de fatores pedagógicos, estruturais, políticos. Um exemplo da sua preocupação é a criação das Escolas-Parque, em 1950, que procuravam fornecer à criança uma educação integral, cuidando de sua alimentação, higiene, socialização e preparação para o trabalho. As Escolas-Parque projetaram Anísio Teixeira nacional e internacionalmente.

Na forma de Escolas-Parque Anísio buscava atualizar o que aprendera de Dewey quando o mesmo afirmava que a escola precisa ser a representação da sociedade e não uma preparação para a vida em sociedade. A escola integral proporciona a possibilidade de viver o que se vive em sociedade, a democracia nas relações interpessoais, as experiências educativas nas mais diversas atividades propostas que objetivavam o desenvolvimento humano.

Compreende-se que tanto para Dewey quanto para Teixeira a educação só pode ser pensada e concebida a partir de dois conceitos, ou seja, a experiência e a democracia. A vida

na escola, ou na sociedade precisam considerar estes dois princípios, amparados na ciência e nos avanços da sociedade.

Um dos maiores desafios para a implantação da Escola Nova no Brasil foi o grande investimento necessário para essa proposta pedagógica. “A escola idealizada por Dewey é uma escola cara, de altos custos para o Estado e suas mantenedoras. Para que a educação deweyana se desenvolva são necessários laboratórios para as ciências naturais e exatas, espaço e estrutura física adequada” (SOUZA; MARTINELI, 2009, p. 164).

Outra grande dificuldade enfrentada para a efetiva implantação da Escola Nova foi a rejeição dos jesuítas. Segundo Souza e Martineli, “o modelo jesuítico, mais tarde sendo sucedido pelo positivista, contribuiu para uma estratificação social na educação, isto é, uma educação para os pobres e ricos separados desde os primeiros anos escolares” (SOUZA; MARTINELI, 2009, p. 164). Uma educação intelectual, cultural, artística para a elite detentora dos meios de produção e uma educação básica para a classe trabalhadora.

A Escola Nova é um dos mais importantes e vigorosos movimentos de renovação da educação no Brasil. De modo bem especial Anísio Teixeira e Loureço Filho, valendo-se da filosofia e dos escritos de John Dewey buscam colocar [...] “o ato pedagógico na ação, na atividade da criança”[...] (GADOTTI, 1999, p. 142) a exemplo de Dewey nos Estados Unidos.

Daí derivam as primeiras experiências de escolarização em tempo integral. Por que seria necessário ampliar o tempo de permanência da criança na escola? A própria educação nova, [...] “em resumo, a Escola Nova seria integral (intelectual, moral e física); ativa; prática (com trabalhos manuais obrigatórios, individualizada); autônoma (campestre em regime de internato e coeducação” (GADOTTI, 1999, p. 143).

Mesmo que não tenhamos a origem das escolas de tempo integral no movimento escolanovista, temos certamente a tentativa de avançar com essa escola, de tempo integral, como direito de todos os cidadãos, ou seja, escola em tempo integral pública. A escola de qualidade que era para poucos começa a ser pensada para todos. A experiência que se destaca é o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador, na Bahia. Assim outras experiências foram surgindo, Ginásios Vocacionais em São Paulo, os Centros Integrados de Educação Pública CIEPs, os Centros de Atenção integral à Criança e ao Adolescente - CIACs e os Centros de Atenção Integral à Criança e aos Adolescentes – CAICs (ESQUINSANI, s.p, 2016).

Nas lutas de Anísio se percebe uma busca incessante por uma educação pública de qualidade para todos os brasileiros. Para as elites já havia escolas, inclusive em tempo

integral, mas para os demais brasileiros havia poucas escolas e em péssimas condições o que levou Teixeira a uma luta pela causa da educação.

## **CONSIDERAÇÕES**

A escola de tempo integral pública surge de um movimento e de uma tensão na busca por uma educação de mais qualidade e depende muito dos esforços do educador Anísio Teixeira que se fundamenta no filósofo pragmatista norte-americano, John Dewey, para justificar a necessidade de uma nova escola, uma nova educação.

Ainda há muito a fazer em relação às escolas em tempo integral. Mais do que propor nos Planos Nacionais de Educação é preciso que as políticas públicas ofereçam condições para a implantação das mesmas. As escolas em tempo integral tem muito a contribuir com os avanços da educação, com a qualidade da educação brasileira.

## **REFERÊNCIAS**

DEWEY, John. Vida e Educação. 8.ed. Tradução ANÍSIO S. TEIXEIRA. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1973.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. A trajetória da Escola de Tempo Integral: Revisão histórica. [s.d]. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br> Ver

GADOTTI, Macir. Histórias das Ideias Pedagógicas. 8. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

GIOLO, Jaime. Educação de tempo integral: resgatando elementos históricos e conceituais para o debate. In: Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. MOLL, Jaqueline [et al.]. Porto Alegre: Penso, 2012.

NARODOWSKI, Mariano. Comenius & a Educação. Tradução de Alfredo Veiga-Neto – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira. Recife: Massangana – Fundação Joaquim Nabuco, 2010. (Coleção Educadores).

SAVIANI, Dermeval. História das Ideias Pedagógicas no Brasil. 4.ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

TEIXEIRA, Anísio. Pequena Introdução à Filosofia da Educação – A Escola Progressista, ou, a Transformação da Escola. 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.